

Jader: poder sem a sombra de ACM

GUSTAVO KRIEGER

BRASÍLIA – O paraense Jader Barbalho (PMDB), presidente do Senado, já pensa em como será a vida longe do inimigo Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Em público, mede cada palavra ao falar da desgraça do adversário. Adota um tom polido, presidencial, perfeitamente ajustado à condição de quem vai presidir o julgamento de ACM e do senador José Roberto Arruda (sem partido-DF). Silencioso, espera um desfecho que, acredita, será rápido. Em conversas particulares, avalia que o Conselho de Ética vai aprovar o relatório do senador Saturnino Braga (PSB-RJ), propondo a abertura do processo de cassação dos mandatos de ACM e Arruda. A expectativa dos peemedebistas

é de que o senador baiano renuncie após a decisão do Conselho.

Voto aberto – A vários interlocutores, Jader disse que o golpe decisivo contra ACM foi a decisão do Conselho de Ética de adotar o voto aberto no exame do parecer de Saturnino. Ele avalia que ACM nunca seria cassado em uma votação secreta, onde teria proteção do espírito de corporação do Congresso. O presidente do Senado acredita que ACM venceria se levasse o processo ao plenário. Nesse caso, a votação seria secreta e a perda do mandato teria de ser apoiada por 41 dos 81 senadores. Entretanto, Jader aposta que ACM renunciará depois da derrota no Conselho de Ética. Resistir mais seria arriscado, porque o prazo para renúncia acaba quando é instaurado o pro-

cesso de cassação. E, se for cassado, ACM perderá os direitos políticos por oito anos. Seria o fim de sua carreira política.

Enquanto assiste à derrota do adversário, Jader contabiliza os próprios danos. Sabe que sua imagem foi duramente atingida pelas denúncias de enriquecimento e desvio de dinheiro público levantadas durante a briga com ACM. “Vão continuar levantando estas histórias por 20 anos, a cada vez que eu disputar uma eleição”, reconheceu, em conversas com amigos. Juridicamente, o presidente do Senado saiu ileso. Nenhuma das acusações foi transformada em processo. Mas o dano político está feito. Jader reconhece que seria melhor nunca ter entrado nesta guerra. “Esperei durante muito tempo que ele parasse e buscasse

uma composição, mas ele tinha certeza de poder fazer tudo o que desejasse”.

Apesar dos danos, Jader não acredita que será a bola da vez, se ACM for cassado. Mesmo que seu nome seja gritado nas passeatas que pedem punição dos senadores, avalia que a onda passará. Com calma, prepara os próximos ataques. Desta vez, o alvo está no governo. Longe dos microfones, refere-se ao presidente do Banco Central, Armínio Fraga, como “este sujeito”. Não perdoa as tentativas de Fraga para reabrir o caso do Banpará. Jader foi acusado de beneficiar-se de um desvio de R\$ 10 milhões no banco estadual, quando era governador. Considera-se vítima de uma vingança por ter sido o criador da CPI dos Bancos.

PF vai ouvir deputado

PALMAS – Um fax redigido por um escritório de consultoria em Belém aponta um elo de ligação entre o esquema de fraudes na extinta Sudam e o deputado federal Olavo Calheiros (PMDB-AL), irmão do senador e ex-ministro da Justiça Renan Calheiros, também do PMDB alagoano e um dos principais defensores do presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA).

O fax foi endereçado ao gabinete do deputado no dia 9 de fevereiro do ano passado, dando informações sobre o andamento na Sudam da proposta do projeto da Agroindustrial Rio Água Azul, no

Pará. A empresa era ligada ao empresário José Soares Sobrinho, aliado político de Jader e membro do diretório municipal do PMDB em Altamira.

O escritório de consultoria do economista Geraldo Pinto da Silva teria montado oito projetos fraudulentos da família Soares no Tocantins, na Transamazônica e no Amapá. Em uma conversa grampeada pela PF, Silva comemorou a eleição de Jader para o Senado.

O deputado Olavo Calheiros deverá ser chamado a depor na Polícia Federal para explicar seu envolvimento com os fraudadores da extinta Sudam.